

HISTÓRIAS DE MAR

VERA A. BUCK

“Camarão que dorme, a onda leva...”

(Popular)

A ESTRÉIA

Um gentleman com a vantagem de ter miolos, homem culto, inteligente, extremamente bem educado. Assim é o Dr. Francisco, oftalmologista por escolha e pescador por devoção.

Quando o tempo e a barra o permitem, se atira para o alto mar em busca dos mais belos e esportivos espécimes, carregando o primo Casico como parceiro no emocionante jogo da pesca oceânica.

Hoje, além do habitual companheiro, leva um convidado especial, o médico carioca e amigo de longa data, Dr. José.

Ainda estava escuro quando o trio partiu, na madrugada fresca do verão ameno em direção ao Itacolomi, local de formação rochosa preferido dos peixes, a quarenta minutos cravados do balneário de Guaratuba.

Gentileza personificada, Dr. Francisco espera que a pescaria seja perfeita e proporcione o máximo de satisfação ao amigo, prestes a ser iniciado nos meandros e sutilezas da milenar ciência da pesca; desde a superstição de que: “nunca se joga fora o primeiro peixe pescado, mesmo de ínfimo tamanho, que dá azar”, até a moderna tecnologia das carretilhas e molinetes, culminando com a sofisticação do sonar, responsá-

vel pela exata localização tanto de parcéis como de cardumes.

Iemanjá, Netuno e sereias não estavam a fim de ajudar o trio. A manhã já ia em meio e nada dos peixes aparecerem. No dizer dos pescadores, “peixe tem, o difícil é separá-lo da água.”

A maré vira, começa a correr. Com a famosa sorte dos principiantes, Dr. José vê, com enorme alegria sua vara vergar sob o peso de tremendo puxão. Todos se alvoroçam e torcem para que o estreante na pesca fisque e EMBARQUE o peixão. (Para os não aficionados do esporte explico: fisgar já é bom, porém embarcar o dito-cujo, são outros quinhentos.

O peixe corre.

— Dá linha Zé, dá linha, senão ele arrebenta e escapa! - grita, já nervoso, Dr. Francisco.

Dr. José, principiante obediente, segue as instruções ao pé da letra. Solta a linha e recolhe quando sente diminuir a tensão. A euforia toma conta de todos, ao vislumbrarem a imensa forma prateada lutando na translúcida água verde para se libertar do anzol, que se esquecem por minutos de suas próprias varas ainda com as linhas dentro da água.

O enorme peixe-galo, já bem cansado vem se debatendo, subindo e nadando em círculos cada vez menores. E é numa destas voltas, bem próximo do Grand Jétè que o peixe se enrola nas linhas abandonadas. Uma maçaroca e tanto! Embarcar o peixe, de que jeito, Senhor?

Dr. Francisco, com o bicheiro nas mãos, a postos para fisgar o galo e puxá-lo para dentro do barco, não pestaneja ou titubeia em tão delicada e, porque não dizer, crítica situação. Num gesto rápido, extremamente esportivo, cavalheiresco mesmo, pega a faca e com um movimento elegante, lembrando um toureiro espetando a bandarilha, corta a linha de Casico

e prepara-se para fazer o mesmo com a sua. Contudo o nervosismo é tamanho, que o gentleman pescador corta a linha do amigo.

Céus, do amigo! Com o peixe fígado!

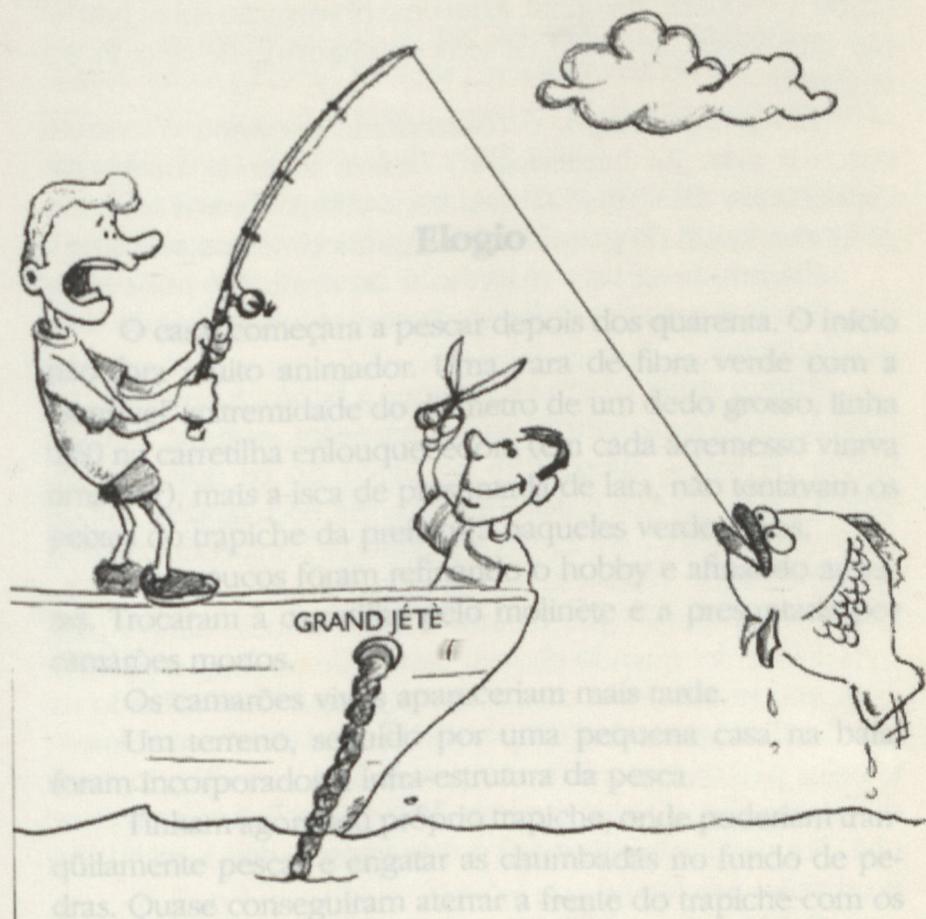
Dr. Francisco quer morrer. E sob o olhar estático do trio, o gigantesco peixe-galo, ondulando a cauda prateada, se afasta do barco, mergulhando lentamente, como uma provocação aos pescadores, em direção às profundezas. Sem pressa. Majestoso. Livre.

É, pescaria tem dessas coisas...

*

"Casamento: alto-mar para o qual ainda não se descobriu uma bússola."

(Heinrich Heine)



Os camarões vieram e eles queriam mais tarde. Um terreno, usado por uma pequena casaria, foram incorporados à estrutura da pesca. Finalmente eles conseguiram pescar as chumbadas no fundo de pedras. Quase conseguiram atear a frente do trapiche com os enormes chumbos que usavam, até que uma alma candosa ensinou-lhes que, ali, só com chumbada pequena e redonda. Foi moleza. Era um peixe atrás do outro.

Aos poucos o espaço foi ficando apertado. Ansiavam por mais mar. Compraram um barco de 18 pés, Cassarino, de um motor só. Fechado o negócio, trocado o nome da em-

